

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
DEPARTAMENTO DE MEDICINA

EDUARDO GUIMARÃES RATIER DE ARRUDA

**“LÁ E DE VOLTA OUTRA VEZ”: A INCURSÃO PELA
GRADUAÇÃO DE MEDICINA POR UM QUÍMICO.**

SÃO CARLOS -SP
2024

Eduardo Guimarães Ratier de Arruda

**“Lá e de volta outra vez”: Uma incursão reflexiva pela graduação
de Medicina por um Químico.**

Trabalho de conclusão de curso
apresentado ao Departamento de
Medicina da Universidade Federal de
São Carlos, como parte das exigências
para obtenção do título de médico.

Orientadora: Profa. Ma. Renata Sayuri Ansai Pereira de Castro

São Carlos-SP
2024

Banca de Avaliação

Profa. Ma. Renata Sayuri Ansai Pereira de Castro
Departamento de Medicina da UFScar
Docente Orientador

São Carlos, 31 de janeiro de 2024.

DEDICATÓRIA

Dedico essa reflexão ao todos que fizeram parte dessa trajetória e ao meu eu-criança que sempre persistiu na ideia que valeria a pena ser um médico-cientista. Conseguimos!

AGRADECIMENTO

A Deus,

A meu pai, mãe, irmão e cunhada,

Aos meus amigos da Unicamp: Maria, Manoel, Catherine, Bárbara e Carol.

Aos meu trio: Roseane e Giovanna.

Aos que cuidaram de mim em São Carlos: Olívia, Hugo, Iuri, Ariane, Caio e Michel.

Aos meus amigos desses 6 anos e mais: Julia (Kawaii) e Matheus (Teoria)

Aos meus afilhados do curso, todos vocês!

A todos que estiveram perto ou longe, mas estiveram.

Amo vocês e obrigado!

Citações

“Todos os voos começam com uma queda.”

G.R.R. Martin, A Guerra dos Tronos

“*I open at the close.*”

J.K. Rowling, Harry Potter and the Deathly Hallow

“‘É perigoso sair porta afora, Frodo’, ele costumava dizer. ‘Você pisa na Estrada, e se não controlar seus pés, não há como saber até onde você pode ser levado...’”

J. R. R. Tolkien, O Senhor dos Anéis

“A realidade está frequentemente incorreta.”

Douglas Adams, O Restaurando no Final do Universo

“*And isn't it ironic, don't you think? A little too ironic, and yeah I really do think.*”

Alanis Morissette, Ironic

“É inútil retribuir vingança com mais vingança: não vai curar nada”

J. R. R. Tolkien, O Retorno do Rei

“Tudo o que temos de decidir é o que fazer com o tempo que nos é dado”

J. R. R. Tolkien, O Senhor dos Anéis

“*Oops, I did it again*”

Britney Spears, Oops! ... Did It Again

RESUMO

Uma narrativa reflexiva sobre a trajetória acadêmica singular marcada pela integração de conhecimentos de química durante a graduação em medicina, enfrentando desafios como uma defesa de doutorado, a pandemia pela COVID-19 e a luta contra a ansiedade durante seus seis anos de graduação. Ao ingressar no curso de medicina com metodologia construtivista, foi necessário integrar os conhecimentos prévios e utilizar as experiências adversas como catalisadoras para seu crescimento pessoal e profissional. A abordagem construtivista na medicina levou a uma aprendizagem efetiva e a guiou para uma prática centrada no paciente, reconhecendo a importância das individualidades e promovendo a empatia e o respeito nas relações clínicas. Ao concluir esta formação, muito mais que obter o título de médico, obtém-se a prática médica ética e compassiva. Uma jornada que reflete a capacidade de transformar desafios em forças propulsoras para a construção de uma aprendizagem de medicina única.

Palavras-chave: Metodologia ativa; Narrativa Reflexiva; Medicina

ABSTRACT

A reflective narrative on a unique academic journey marked by the integration of knowledge in chemistry during the medical program, facing challenges such as the final PhD final examination, the COVID-19 pandemic, and the battle against anxiety during those six years of undergraduate. Upon entering the medical program with a constructivist methodology, it was necessary to integrate prior knowledge and use adverse experiences as catalysts for personal and professional growth. The constructivist approach in medicine led to effective learning and guided towards a patient-centered practice, recognizing the importance of individualities and promoting empathy and respect in clinical relationships. Upon completing this education, more than obtaining the title of a physician, one attains ethical and compassionate medical practice. A journey that reflects the ability to transform challenges into driving forces for the construction of a unique medical learning experience.

Keyword: Active Learning; Reflective Narrative; Medicine

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	08
2	NARRATIVA REFLEXIVA	10
2.1	DA PRIMEIRA GRADUAÇÃO AO DOUTORAMENTO	
2.1.1	Do Início Até o Primeiro Ingresso	10
2.1.2	A Graduação e o Verdadeiro “E se?”	11
2.1.3	Da Turbulência ao Fatídico Corte de Cabelo	13
2.2	PRIMEIRO CICLO E DEFESA DE DOUTORADO	
2.2.1	Tudo Novo, Porém Depende	14
2.2.2	O Título, o IML e o Surto	16
2.3	SEGUNDO CICLO E PANDEMIA PELO COVID-19	
2.3.1	Era Tudo Que Eu Queria	18
2.3.2	Era Tudo Que Eu Temia	20
2.4	TERCEIRO CICLO E NOVOS DESAFIOS	
2.3.1	Projeto JK e Uma Definição	21
2.3.2	Eu e o Futuro	25
3	CONCLUSÃO	28
	REFERÊNCIAS	29

1 INTRODUÇÃO

A graduação de medicina da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) foi iniciada no ano de 2006 e teve o seu currículo fundamentado nas propostas das Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) que regem e normatizam as graduações em medicina no Brasil, nas quais a formação de um médico generalista e humanista com uma visão crítica, baseada em evidências, reflexiva e ética, capaz de ações de promoção, prevenção, recuperação e reabilitação da saúde é a almejada desde o seu ingressa até a sua conclusão (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2001).

Desta forma, foi construído e fundamentado o Projeto Político Pedagógico (PPP) do curso ao redor dos pressupostos descritos a seguir: abordagem educacional construtivista, currículo orientado por competência e integração teoria-prática voltada para o SUS, para assim cumprir as demandas exigidas pela DCN (Medicina UFSCar, 2007).

A estruturação do curso se dá através de três ciclos educacionais de dois anos cada, sendo estes nomeados de: Integralidade do Cuidado I, II e III. Dentro dos ciclos temos as unidades educacionais que seriam correlatas as disciplinas em uma graduação tradicional, e nos ciclos I e II estão são compostas pelas atividades de: Situações-Problema (SP); Estações de Simulação da Prática Profissional (ES) e Prática Profissional (PP). As SP são discussões teóricas de casos com o foco na aprendizagem mais teórico-cognitivas, enquanto as ES e PP já possuem uma abordagem mais aplicada a prática. Porém, numa simulação, a aprendizagem de habilidades técnica ou comportamental se dá em ambiente protegido e controlado, diferente do ambiente real de uma prática profissional.

No último ciclo, a organização educacional é distinta dos demais ciclos por se dar em regime de internato, sob supervisão, e ter seu enfoque na formação e vivência nos diversos serviços do sistema de saúde com imersão direta em prática profissional, mantendo as discussões de modo a suportar o aprendizado baseado nas vivências nestes ambientes.

Durante todo o curso o aprendizado baseia-se no uso de metodologias ativas, partindo de modelos de aprendizagem construtivista, em que os participantes agem como facilitador e alunos sujeitos desse processo de articulação entre o conhecimento, a prática e a conexão entre estes, permitindo que diferentes áreas de conhecimento e aspectos biopsicossociais sejam integrados na discussão, e agregando a atuação multiprofissional, as necessidades de aprendizado e os problemas da realidade na construção do aprendizado coletivo dos participantes.

O aluno durante o curso atua em diversos cenários distribuídos pela cidade de São Carlos/SP, como: Unidades de Saúde da Família (USF), Unidades Básicas de Saúde (UBS), o Hospital Universitário da Universidade Federal de São Carlos (HU-UFSCar), Unidade Saúde Escola (USE), Santa Casa de São Carlos e o Centro de Atenção Psicossocial. Além de realizar o uso dos espaços da Universidade Federal

de São Carlos (UFSCar) e a Unidade de Simulação em Saúde (USS) para as de discussões teórico-práticas com docentes da instituição.

Dentro da formação do médico pela UFSCar, o Trabalho de Conclusão do Curso de medicina UFSCar tem como objetivo trazer uma análise da vivência do mesmo durante sua vivência da prática profissional do estudante do curso, junto aos seus registros dos portfólios reflexivos, e em conjunto com suas experiências únicas e pessoais, permitir o entendimento da trajetória de formação, contemplando as dimensões de ensino, assistência e pesquisa, em um processo mútuo do aluno-graduação (Medicina UFSCar, 2007). Assim, trazendo uma narrativa-reflexiva que pontue o processo obtido por este aluno após o processo de imersão completa na formação a médico generalista através da graduação em medicina pela UFSCar.

2 NARRATIVA REFLEXIVA

2.1 DA PRIMEIRA GRADUAÇÃO AO DOUTORAMENTO

2.1.1 DO INÍCIO ATÉ O PRIMEIRO INGRESSO

Minha relação com a ciência e a medicina começou ainda na fase escolar quando múltiplas vezes na semana acompanhava meus pais nos laboratórios da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), que nos idos de 1993-1999 realizaram o mestrado e doutorado na mesma. Foi neste universo que fui criado, em um laboratório biotecnologia na Faculdade de Engenharia Química, por parte de meu pai, e com um pezinho no universo da midialogia no Instituto de Artes, por parte de minha mãe, mas sempre vislumbrando um mundo cheio de ciências.

Lembro de ter o interesse pelo mundo molecular desde que me entendo por ser humano. Mudar de cor, cheiro, estado físico, temperatura e sabor! Tudo era lúdico e me levava a ser um aluno de alto desempenho. Adorava a ideia de uma “arte” de curar que pudesse se associar com uma visão mais assertiva das ciências, visto uma visão idealizada e infante na qual as ciências médicas não erram compreendidas por mim. Ao crescer, no ensino médio, descobri a associação direta entre a medicina e as ciências, assim criando meu sonho de ser um médico-cientista. Foi exposto também o alto rigor acadêmico exigido daqueles que tinham o interesse de ingressar para esta área através das provas de vestibular, algo que intensificou em mim os medos e anseios que já viviam em meu subconsciente, pois naquele momento já sofria de transtorno de ansiedade generalizado, tendo apresentado pouco antes transtorno de ansiedade por separação.

Aos 17 anos, prestei as primeiras provas de vestibular nacionalmente, este foi um período muito turbulento no qual cheguei a ficar em lista de espera de algumas faculdades, porém sem a convocação para a matrícula. Junto com minha autodecepção, tive que decidir com minha família que o melhor deveria ser realizar um ano de curso pré-vestibular em Campinas/SP, previamente estava morando em Campo Grande/MS, e prestar novamente as provas no ano seguinte. Durante este novo ano, tive a piora do meu estado de ansiedade e em uma conversa sincera com meus pais, foi exposta a opção da mudança de opção de curso para um outro de forma que preservaria meu sonho de ser cientista e meu estado físico e mental. Assim, o Bacharelado em Química, se mostrou uma opção viável para alcançar um dos meus objetivos, porém com uma regra por parte dos meus pais, só poderia fazer se fosse nas melhores: UNICAMP ou USP.

Essa dita regra especial não foi nenhum empecilho, a leveza de não estar mais “competindo” pelo mais concorrido me manteve estudando com o mesmo empenho e passei em múltiplas universidades para Química! Fui para aquela que era a melhor e a qual tinha o sonho de estudar, fui para a UNICAMP. Fui tranquilo, em paz e animado, pois tudo ia ser incrível!

2.1.2 A GRADUAÇÃO E O VERDADEIRO “E SE?”

Veio março de 2009 e começou a graduação de Química, um dos 3 cursos clássicos das exatas básicas, em conjunto com a Física e a Matemática. A navegação pelas disciplinas foi incrivelmente tranquila frente ao esperado, não estou falando que não tiveram períodos de sofrimento, dificuldade ou desespero. Mas consegui levar o curso com prazer! Durante os oito semestres que cursei o mesmo, realizei 7 semestres de iniciação científica sendo 4 destes com bolsa pelo CNPq, além de ter sido monitor de disciplinas teóricas por 4 semestres e ajudado na construção de um torneio virtual de química, o TVQ que atualmente está no hall de provas das olimpíadas de química brasileiras (Torneio Virtual de Química, 2023).

Me diverti durante o curso, formando laço de amizade que perduram até hoje! Amigos que cursaram junto comigo e que hoje moram ao redor do mundo e se distribuíram pelo mercado de trabalho nos mais diferentes pontos, desde professores de gênios até docentes do instituto de Química da USP/SP.

Além dos alunos, formei laços de amizade com docentes, sendo que se destaca o carinho e respeito que tenho pela ex-docente do Instituto de Química (IQ) a Dra. Regina Buffon, “temida” por sua assertividade e rigor, mas por mim muito admirada pelo conhecimento e personalidade. Tive 4 disciplinas como aluno dela, e fui seu monitor 5 vezes (contando durante as pós-graduação), e só aprendi a amar a química e me definir como um Químico Inorgânico, sendo que esta era a área que a mesma lecionava. Esta amizade ainda me trouxe uma realidade que era desconhecida para mim, a chamada “esclerose múltipla” que essa a Regina possuía, e vi a evolução durante meus anos de UNICAMP. Sempre trazendo o sonho de ser um médico-cientista a minha cabeça de tempos em tempos, de crise em crise.

Durante os 7 semestres de iniciação científica, meu projeto de mestrado já tinha sido definido por mim e meu orientador, que ingressou no mesmo período que eu no IQ/UNICAMP, e apenas precisei me graduar para isso! O plano era fugir da área médica, ainda era um sonho doloroso de lembrar e muita ansiedade envolvida, deste modo, a química inorgânica de base me chamava. Meu projeto teria síntese orgânica, síntese de complexos de coordenação, difração de raios-X, simulação quântica e técnicas espectroscopias. Teria de tudo, menos o pezinho na medicina!

Formei, com oito semestres de graduação, algo pouco típico nos cursos de bacharelado de química. Formei como o melhor do bacharelado, ganhando o “Prêmio Lavoisier” de melhor aluno do bacharelado em química de 2009-2012 do Instituto de Química da UNICAMP (CRQ-IV/SP, 2023). O melhor é que a entrega do prêmio e diploma foi pelas mãos de minha querida professora Dra. Regina Buffon.

Finalmente formado tive minhas últimas férias da vida e ingressei no mestrado, em 2013, com bolsa CPNq, começando assim um capítulo turbulento e fundamental em minha vida. O mestrado foi um momento tão conturbado que é um capítulo de terapia a parte, porém definiu muitas condutas que levo para minha vida e caminhos que sei que devo seguir.

Primeiramente, se falo tão bem da Regina, por que eu não fiz mestrado com ela? A resposta é simples! Eu não queria seguir a área que ela estudava! E o que eu gostava estava nas mãos de uma pessoa que era um lobo em pele de cordeiro. Foi um período com muito desgaste emocional, mas quero focar em lembrar aqui o que me fortaleceu e construiu quem eu sou hoje!

Com ajuda dos meus familiares, amigos e pares, eu criei habilidades de gerir pessoas e projetos, fui o responsável por múltiplos alunos de iniciação científica e realizar o planejamento de projetos de pesquisas, além de criar laços com pessoas que se estenderam além da ciência. Aprendi que ser a ponte entre pessoas que se complementam é mais importante do que ser a “estrela do show”. Entendi que ir atrás das suas ideias e defender seu ponto de modo construtivo em uma arguição é a base para crescer em sua inteligência tecnocientífica. E descobri que no mar de egos da academia de ciências, dizer que você quer sair ou mudar é visto como ruim ou ser fraco! Mas aceitei que tá tudo bem ser fraco se você sabe o porquê da sua decisão!

No final do mestrado tive a oportunidade de morar um pequeno período em Leuven na Bélgica, sendo está uma experiência que mudou demais minha percepção sobre a realidade do mundo e me impulsionou a querer sair da minha caixinha mais e mais, e ter mais domínio sobre a ansiedade. Junto a isso, uma grande amiga da família foi diagnosticada com um tumor hematológico e ficou perceptível para mim que mesmo com todos meus anos de estudo, não havia nada que eu sabia fazer para ajudar nessa ocasião. Bom, nessa conjuntura foi o momento que bateu o primeiro “E se eu fosse fazer medicina?”, mas não achei factível, era tudo complicado! Mudar de vida, voltar a ser dependente e ainda mais, voltar a enfrentar o terrível vestibular e a ansiedade monstruosa! Como eu já estava no final do mestrado e início do doutorado, decidi mudar de direção para o doutorado e ir para a fatídica área de química medicinal!

Bom eu mudei de orientação e de linha de pesquisa, e aceitei que devia mudar como pessoa, pois todo desgaste que tinha vivido e estava vivendo estava me deixando paralisado e desmotivado. A área medicinal veio como uma brisa que eu precisava para reacender o fogo dos meus sonhos. Porém, essa “brisa” acabou criando um incêndio, pois quando eu me percebi, eu já não queria estar ali lendo/produzindo ciência ao lado dos químicos, mas sim estar aplicando aquilo junto aos pacientes como médico. Aí veio o verdadeiro “E se eu fizer medicina?” no mês de dezembro de 2016, ao final do meu segundo ano de doutoramento, que eu aceitei como: Eu vou fazer medicina!

2.1.3 DA TURBULÊNCIA AO FATÍDICO CORTE DE CABELO

Em paralelo a tudo isso, eu já vinha dando aulas/monitorias na UNICAMP (bolsista PED), particulares, em cursinhos populares/particulares desde que me formei em 2012, já que a bolsa de pós-graduação no Brasil ainda não permite uma realidade de segurança financeira para o pós-graduando. Assim, no mesmo período

que tomei essa decisão, eu era sócio de um cursinho em Jaguariúna/SP e dava aulas em outros, além das responsabilidades da pós-graduação. Uma vez que fora meu projeto, que envolvia sínteses, caracterizações dos produtos e testes catalíticos, ainda tinha a escrita de artigos do meu mestrado, de artigos de colaboração, da participação em congressos e de parte da pesquisa no Centro Nacional de Pesquisa em Energia e Materiais (CNPEM), do qual utilizei a linha de luz síncrotron do antigo Laboratório Nacional de Luz Síncrotron (LNLS).

Desta maneira, encaixar um cronograma de estudos foi um desafio pensado de maneira a trazer todas as demandas laboratoriais do doutorado para o terceiro ano do mesmo (2017) de forma que me permitiria ter o quarto ano (2018) mais focado na parte de escrita de tese e artigos, e cabendo neste um cronograma de estudo mais completo. Assim, em 2017, encaixei um cronograma mais focado para revisar e tentar uma vaga, mas almejando mesmo passar no final de 2018.

Comuniquei minha família da decisão de prestar medicina no dia 24 de dezembro de 2016 durante o almoço, no qual recebi uma resposta triste do meu pai que sempre quis um filho pesquisador de química, porém me apoiaria em tudo. Não comuniquei minha orientadora e meu coorientador de doutorado desse meu plano, pois como já disse previamente, na academia de ciências as mudanças são vistas como falhas e você como algo defeituoso. Por ora, preferi seguir minha rotina extenuante de aluno-pesquisador-professor, o qual tornou 2017 um dos anos mais cansativos da minha vida.

Durante toda a jornada, formei grandes amigos no laboratório/vida que me apoiaram/ajudaram em diversas demandas! Se consegui foi por conta deles! E dentre eles, destaco Maria, Catherine, Carol, Manoel e Bárbara, pessoas que mantiveram meus planos reais e permitiram que minha vida tripla acontecesse, além deles, cito novamente a Profa. Dra. Regina Buffon que como uma aliada sabia do meu plano e me aconselhava e ajudava como infiltrada, sendo que a esta prometi que quando passasse, ela iria cortar o meu cabelo no tradicional rito de passagem do recém-ingressante na faculdade.

Neste período, consegui realizar a parte laboratorial do meu projeto, dentro da UNICAMP e no LNLS-CNPEM, além da produção de dois artigos científicos (Ferraresso, 2017; de Arruda, 2017). Sobre as disciplinas da pós-graduação, todas que realizei durante a minha jornada até então tive aprovação com nota máxima e já tinha completado todas as obrigações. Para 2018, faltaria apenas a qualificação de área para assim poder progredir para a defesa do doutoramento, cujo prazo era até fevereiro de 2019.

Chegou o período das provas e realizei elas com o claro pensamento de: o máximo que pode acontecer é eu passar. Das faculdades que prestei, buscava aquela que me mantivesse próximo a Campinas, pois no acaso de ocorrer a aprovação, queria concluir meu doutoramento, já que esse título era uma questão de honra comigo mesmo. A UFSCar era uma possibilidade pela proximidade e por ter a

metodologia construtivista que me chamava a atenção, já que era algo comum dentro da pós-graduação e que me agradava.

Como algo impensável a princípio, passei! O meu primeiro pensamento foi: Agora como contar para minha orientadora? Decidi que só faria isso depois que já tivesse realizado minha matrícula e já tivesse tudo certo! Após estar matriculado na UFSCar, pedi uma reunião e fui conversar com ela, e novamente o monstro da academia atacou, você ter outros planos fora da academia te torna um pária, foi outro momento muito complicado. Mas decidi seguir o plano de realizar a medicina mesmo frente aos grandes impeditivos apresentados pelos meus orientadores, sendo que olho pra trás e tenho certeza de que fiz a melhor decisão. E o melhor, fui para a varanda do laboratório onde meus amigos e a Dra. Regina Buffon cortaram meu cabelo iniciando esse novo período na minha vida, mesmo com as pendências do IQ/UNICAMP e uma ansiedade que demonstrava sinais que eu fingia não perceber.

2.2 PRIMEIRO CICLO E DEFESA DE DOUTORADO

2.2.1 TUDO NOVO, PORÉM DEPENDE

Lembro da felicidade da primeira semana! Tudo parecia similar a antigamente, mas dessa vez, eu teria a consciência de que algumas coisas são muito sutis e se perdem facilmente se você não prestar atenção e estiver aberto a perceber. Desde o primeiro dia, me abri as vivências e pra estudar tudo desde o fundamento e usar TUDO que eu podia ao meu favor. Tinha uma bagagem ampla que me ajudou muito, mas me colocou em muita enrascada, pois para alguns pares (e até docentes) minhas abordagens saíam com a interpretação equivocada e eu colhia a fama de “arrogante” ou “agressivo”. Percebi que a postura de professor dominava muito minhas ações, mas também que estava muito difícil reagir as situações de estresses.

Tudo doía muito por estímulos errados, era uma alodinia da mente que eu não conseguia isolar a origem (hoje parece óbvio, não é mesmo, mas não era). Sabia que precisava fazer algo a respeito e a Associação Atlética Acadêmica Moacir Peixoto Junior (AAAMPJ) foi fundamental para me dar um suporte e local de alívio. Lá conheci a bateria universitária da medicina UFSCar, a SancaBum, que se tornou uma paixão minha. Além de entrar para múltiplas modalidades esportivas, como o vôlei, futsal e passar pelo handebol. Tinha o interesse de entrar para a gestão, assim ajudando na parte de organização de eventos sociais da mesma.

Persistia a sensação dolorosa, pois mesmo me rodeando dos meus amigos da medicina, ainda tinha os e-mails do doutorado, tinha os artigos, a qualificação, a tese etc. Eram obrigações que me traziam a sensação de que nunca seria livre daquele fardo. Era tudo novo no mundo, novos saberes, mas dependia de defender meu doutorado pra prosseguir em paz. Foram crises de pânico que eu assumia que eram apenas “um mal-estar” por conta de um e-mail. Eu me fiz de esquecido para aproveitar o máximo, mas não abandonei minhas pendências.

Neste ano de 2018, realizei a publicação de três artigos, sendo que dois destes foram um na revista mais importante da área de química inorgânica dos Estados Unidos, a *Inorganic Chemistry*, e outro na do Reino Unido, *Dalton Transactions*. (Bibi et de Arruda, 2018; de Arruda, 2018) Estas publicações carregam um peso de “olha eu fiz um trabalho de qualidade”, mas sigo com a sensação de que para as pessoas envolvidas isso nunca será suficiente. Porém, segui, realizei minha qualificação de doutorado ainda em 2018 e senti que essas pendências iriam prosseguir.

Em paralelo, minha realidade com o curso de medicina tinha momento de altos e baixos. A metodologia ativa me fez perceber quanto o investimento da primeira graduação somado ao mestrado e doutorado me tornou apto a realizar meus estudos de forma efetiva e aprofundada, levando a bons resultados nas discussões teóricas das situações-problemas do primeiro ano. Porém, a falta de laboratórios de anatomia e histologia são uma forte deficiência associada a um pensamento retrógrado dos docentes do primeiro ciclo do curso que não tem a realização de que laboratórios são vivências práticas, algo que tendo vindo de um curso de química, onde o laboratório é a base, fica muito claro. Planejei assim que no meu segundo ano iria suprir esse desfalque de anatomia na minha primeira eletiva no segundo ano, algo que os alunos têm que realizar tendo em vista o descaso dos docentes do primeiro ano.

Já a disciplina de simulações foi um refresco a parte com excelentes discussões e vivências que me prepararam para a imersão no cenário da disciplina de prática profissional, que deveria ser complementada com laboratórios nesse primeiro ano, como dito previamente. Assim, nesse primeiro ano, tirando as demandas do doutorado, senti que sim, a graduação de química me ajudou bastante nos estudos! Porém não do jeito que muitos esperariam que seria diminuindo conteúdos que deveriam ser estudados, mas permitindo encontrar os caminhos a serem percorridos com mais facilidade e percorrê-los com mais tranquilidade e velocidade. Além de ter o prazer de entender os mecanismos mais complexos por tem uma base mais profunda em alguns temas e, o mais importante, entender bem a metodologia científica!

Dessa forma, tive o prazer de ver o ano desenrolar e os temas de fisiologia humana passarem por mim e eu me surpreender com os temas que eu estudava. Como todo aluno que ingressa na faculdade cheio de anseios e conceitos pré-formados, achava que acabaria indo pelo lado de oncologia ou hematologia. No primeiro ano, me peguei imensamente impressionado pela fisiologia humana, com preconceito com dermatologia e tendo um grande pé atrás com cardiologia, coisas que desenrolariam de forma muito engraçada durante minha vida acadêmica.

O ano acadêmico acabou e quase concluindo o mesmo, me juntei com meus amigos e decidimos fundar a “liga acadêmica de química medicinal e farmacologia clínica” com foco em temas básicos de farmacologia que percebíamos que seria de fundamental importância durante o segundo ano da nossa graduação. Além disso, ingressei para a gestão da AAAMPJ como diretor social e me juntei a gestão da liga acadêmica de diabetes, concluindo assim meu ano acadêmico junto à medicina

UFSCar. Seguindo apenas com as obrigações do doutoramento, já produzindo minha tese de doutorado e planejando minha defesa para o começo do ano seguinte.

2.2.2 O TÍTULO, O IML E O SURTO

O ano de 2019 começou promissor, pois além de estar progredindo no curso de medicina este seria o ano que finalmente me livraria das pendências com a UNICAMP e com o doutorado. Porém, a ansiedade estava com suas afiadas garras ao redor do meu pescoço me colocando em uma posição de extrema fragilidade e hiper-reatividade aos acontecimentos externos, tornando o primeiro semestre desse ano uma memória não tão prazerosa.

Começando pelo pior, após minha qualificação de área de doutorado, o qual fui aprovado para a defesa, começou a jornada pelo agendamento da data dela. O martírio que comecei a trilhar devido a um certo descaso de meus orientadores que não priorizavam mais o meu trabalho, assim tendo minha defesa que previamente cairia no final das minhas férias, no começo de fevereiro, foi remarcada para abril, caindo no meu período de aulas da medicina. Todavia, algo que se tornou uma marca importante para mim veio dessa reagendamento, já que o dia da minha defesa ficou para o dia 01 de abril de 2019, o chamado “dia da mentira”, dia no qual me tornei um chamado “doutor de verdade” através de um processo que me mostrou uma verdade triste da academia de ciências e me tirou daquela mentira. Publicada a minha tese, consegui findar essa parte triste da minha história.

Segue o aprendizado de ser um doutor, se realizar um projeto de pesquisa no Brasil, se gerir um grupo de pesquisadores, de pensar, planejar, organizar e estruturar um projeto de seu início até sua conclusão, saber separar as informações com reais evidências científicas dos distratores e erros, e entender que ciência é um ambiente de coexistência onde não se produz sem pensar em grupo. Sou um doutor, sou um mestre e vejo isso claramente em minhas condutas, as vezes acho que pode até me atrapalhar um pouco pelo metodismo excessivo, porém é minha base e pode ser polida, pois sempre gosto de ser flexível frente a natureza.

Na medicina, neste período, nós fomos apresentados as patologias e, principalmente, a imunologia que eu fiquei maravilhado e tive minha primeira quebra de paradigma com a dermatologia com um estudo de um tema chamado “Hanseníase”. Foi um período de muito confronto nos grupos devido meu humor instável pela ansiedade de todo contexto até a conclusão do doutorado, além de estar usando o estudo como minha fuga para me esconder de tudo que estava me agredindo.

Nas simulações, fomos introduzidos a semiologia médica, onde o “jogo de detetive” que eu tanto amava nas caracterizações químicas voltou para mim, permitindo você construir o raciocínio clínico através da fenomenológica dos sinais e sintomas. Pronto, estava me apaixonando pela Clínica Médica! Você consegue medir um fígado pelo som de uma percutida? Sim! Física e raciocínio humano são geniais,

e muito melhores do que pensar que você está acordando a noite gritando de terrores noturnos. Muito melhor se perder nisso do que olhar para toda a bagunça que estava dentro de mim.

Terminado o primeiro semestre, fui para minha primeira eletiva que decidi fazer em junto ao Instituto Médico Legal (IML) de Campinas-SP, o qual passei 200 horas realizando necrópsias e análises patológicas que foram fundamentais para complementar os meus estudos práticos de anatomia e patologia. Porém, após tanto caos, cair de cabeça no IML foi de certo alívio num primeiro momento, porém é um ambiente de morte violentas e acabou intensificando a ansiedade. O estágio foi excelente, de um aprendizado ímpar com detalhes que até hoje levo devido a vivência.

No segundo semestre, as crises de pânico e terrores noturnos começaram a ficar muito importante, me levando a buscar ajuda no Departamento de Atenção à Saúde da UFSCar, no qual passei com consulta com psicólogo e médico, sendo iniciado tratamento farmacológico para o transtorno de ansiedade generalizado e, no particular, iniciei a psicoterapia para voltar a ter qualidade de vida. Dessa forma, minha vivência de segundo semestre foi muito mesmo memorável, tendo memórias mais marcantes com cardiologia que até então era uma disciplina que não me chamava a atenção, mas sabia que era necessário saber para ser um bom médico, e tive a primeira SP específica de patologia cardíaca e me maravilhei com a parte de eletrofisiologia cardíaca.

No demais, a prática médica do segundo ano pode ser resumida toda junta, acabou por ser uma grande decepção, pois mesmo a parte na USF José Fernando Petrilli sendo excelente, foi insuficiente em oficinas de técnicas de enfermagem ou ter docentes que tenha volição para ensinar a prática além da utopia que os mesmos estudam de dentro de suas salas protegidas dentro de um departamento de medicina da UFSCar que não é habitado por vida real.

Segui apenas com as ligas de diabetes e de química medicinal e farmacologia clínica como gestão, porém chegando o segundo ciclo, prestei as provas para o ingresso nas ligas de dermatologia, cardiologia e urgências clínicas. Segui como gestão da AAAMPJ, mas não prossegui para meu segundo ano como diretor tendo em vista meu contexto de saúde mental, decidindo me manter apenas nos esportes e na bateria, que após 2 anos tocando surdo de primeira, mudei de instrumento para o agogô.

Findado o primeiro ciclo, estava animado pela chegada do ciclo clínico que é muito elogiado pelos veteranos, por ser o momento em que nossas práticas se tornam efetivas e a curva de aprendizado cresce exponencialmente, além de ser o primeiro ciclo que eu viveria plenamente como aluno da medicina, com saúde mental e sem os demônios da UNICAMP.

2.3 SEGUNDO CICLO E PANDEMIA PELO COVID-19

2.3.1 ERA TUDO QUE EU QUERIA

De 2019 para 2020 decidi tirar férias e só realizar as eletivas no período no meio de 2020, respeitando assim minha saúde mental em recuperação. O ano começou com a notícia de uma epidemia asiática por uma doença respiratória atribuída ao vírus SARS-CoV-2, naquele momento lembrei da metade de 2009, quando passei por uma situação de ter alguns dias de aula da graduação de química canceladas pela chamada epidemia da gripe suína do H1N1, e considerei que se essa epidemia evoluísse em algo, seria na mesma pequena proporção que a anterior. Ledo engano!

O segundo ciclo começou bem, mesmo com algumas adaptações nas práticas de saúde da mulher devido ao contexto cenário-docentes, todas as atividades estavam rodando de forma adequada. Ter as práticas era fantástico! Começar a usar toda a semiologia que tinhas aprendido durante as simulações do segundo ano durante a nossa anamnese das diversas práticas estava sendo maravilhoso. Uma infinidade de disparadores, uma semana que rodava com múltiplos estudos amplos e diversos. Estava sendo altamente gratificante.

Quando iniciei, estava bastante receoso com as atividades de saúde da criança, por ter um certo desconforto com ver crianças em sofrimento e sabia que isto seria algo que teria que vencer ao decorrer do curso. Como nossa prática agora se dívida nas quatro frentes: saúde da criança, saúde da mulher, saúde do adulto e idoso, e saúde da família e comunidade era possível trabalhar com calma cada uma das peculiaridades de cada um desses estratos. E esperava que meus receios com a saúde da criança fossem atendidos durante esse ciclo.

Nas atividades teóricas da situação-problema, os casos se tornaram cada vez mais intrigantes e a minha paixão pela clínica se tornou cada vez mais palpável. Todo o raciocínio clínico envolvido no “fazer medicina” era o que me fazia amar a ciência médica. Era muito similar ao prazer que eu tinha ao entender um fenômeno da natureza ao ser explicado por um modelo físico-matemático aplicado a química. Era o meu sonho de ser um médico-cientista vivo durante um pequeno caso e tornava meu estudo diário um momento muito prazeroso, mesmo durante a luta contra a ansiedade. Meu prazer no estudo de alguns temas clássicos de clínica médica se tornara mais evidente, além de reforçar meu prazer pela dermatologia e imunologia.

Nas atividades de simulação, a minha surpresa por ter a adição da semiologia de aparelhos específicos e/ou contextos médicos específicos foi excepcional. Uma vez que esta é uma atividade que deveria ser replicada mais vezes, visto a importância do modelo OSCE na formação do médico generalista (Al-Hashimi, 2023).

Nesse contexto, houve uma mudança radical da minha vivência como aluno, deixando a parca prática para uma dinâmica atuante com discussões importantes diárias que foram fundamentais para o meu entendimento do profissional médico no ambiente de saúde real e “desprotegido” fora das falsas muralhas da academia. Isso

só estava me fazendo bem e aumentando minha certeza que estava no caminho certo. Até que a notícia da pandemia veio! Chegou o *lock-down* e todos fomos obrigados a ficar em casa!

Eu, como aluno da décima-terceira turma da medicina da UFSCar, tive a sensação de ser esquecido em casa por parte dos meus docentes que, no momento que perceberam que a realidade pandêmica iria se instaurar por um longo tempo, decidiram que em um primeiro momento nossas atividades não poderiam ser virtuais e, depois, pareciam fazer de tudo para manter o mundo virtual. Foi um momento de grande turbulência onde o terceiro ano acadêmico deixou de ser um período TEMPORAL e se tornou um período TEÓRICO, seguido de um quarto ano acadêmico também justaposto num calendário que não era coerente com a realidade temporal e não respeitava nenhuma conjectura lógica. Foi um período lastimável.

Durante o período do terceiro ano acadêmico, destaco as atividades teóricas com os docentes das situações-problemas, que sempre foram muito agradáveis e momentos de muito aprendizado. As práticas e simulações foram grandemente afetadas, alguns docentes fizeram o que podiam, deram o seu melhor para manter os alunos sobrevivendo com esperança de um dia voltar a prática. Tudo isso acontecendo enquanto a notícia de milhares de pessoas morrendo diariamente e, nós, futuros médicos formados com dinheiro público parados em casa sem perspectiva de progredirmos em nossa caminhada para retornar em saúde para o nosso povo e país!

As ligas acadêmicas brilharam nesse período de trevas, foi o momento dos grandes congressos online! Particpei de congressos desde oftalmologia até cirurgia plástica organizado por ligas acadêmicas brasileiras, e organizei simpósios e workshops de neuropsicofármacos e dermatologia. Além de seguir nas discussões virtuais de casos nas ligas de farmacologia, cardiologia, dermatologia, urgências clínicas e medicina do esporte. Voltei para a AAAMPJ como gestão, no cargo de diretor científico, no meio de 2020, e assumindo a gestão das ligas de cardiologia, dermatologia, urgências clínicas e medicina do esporte. Mantive o tratamento psicofarmacológico e tive uma melhora importante do quadro ansioso. As eletivas que estava programando de serem práticas em dermatologia foram transferidas para todos em cursos online por plataformas disponibilizadas pelo governo brasileiro. Cursos de qualidade, mas frustrante frente aos planos prévios.

O período da pandemia não é um momento que tenho a divisão clara e coesa na minha cabeça, lembro de passar por ele, lembro de pontos dele, lembro de confrontos, mas não tenho clareza de tudo! Como um estudante mais velho, percebo que consegui manter meus estudos e meus focos! Até publicar nesse período eu consegui (Silva, 2020; Ferraz 2020). Eu não me perdi, como vi alguns amigos e colegas durante esse período, porém, sei que essa maturidade não é algo que vem só com os estudos. É algo mais basal da resiliência de quem passou por situações ruins antes, e vejo que outros colegas mais velhos ou com histórias de vida intensas também tiveram essa vivência durante o período da pandemia.

2.3.2 ERA TUDO QUE EU TEMIA

Próximo ao fim do terceiro ano acadêmico, a notícia da vacina foi circulada na grande mídia e iniciou-se a discussão da possibilidade da vacinação dos alunos para a retomada das atividades acadêmicas práticas. Foi um período de muita discussão, dúvidas e instabilidade, mas no final, as vacinas chegaram e os alunos foram vacinados, porém as atividades práticas só retornariam para o próximo ano letivo. Além de que existiria um período extra após o quarto ano acadêmico chamado de X-2 para repor algumas atividades do terceiro ano acadêmico perdidas.

Iniciou-se o mundo híbrido em 2021 com o quarto ano, nele tínhamos as atividades de discussão online e as práticas em grupos, ou em alguns casos, adaptadas. Na atividade de situação-problema tive a sorte de ter a Professora Carla Germano como minha facilitadora. Tive o prazer de ver o “método da UFSCar” ser executado com tanta perfeição. A minha maior tristeza é saber que tivemos 5 situações-problema cortadas devido a adaptação temporal que teve de ser realizada para a conclusão do ano no tempo previsto. Mas as discussões foram excelentes. Esse foi o ano que percebi meu maior ganho na capacidade de estudo, raciocínio teórico e discussão clínica.

Nas simulações, se destaca para mim a presença das simulações de saúde mental com a Dra. Juliana Prado, sendo ambas as simulações (sintomas psicóticos e transtorno de humor bipolar) maravilhosas e fundamentais no currículo do médico generalista. Além das simulações focadas em recepção neonatal e de trabalho de parto que foram fundamentais para o internato. Tudo estava preparando para o que eu mais temia, ir para o internato após um ciclo clínico insuficiente. Mas eu sabia que meus docentes que estavam ali comigo na prática estavam fazendo tudo para dar o máximo que podiam para irmos para o internato com o mínimo de perdas possíveis.

Nas práticas, a saúde do adulto e idoso se destacou como a atividade com o maior número de encontros presenciais graças à intervenção da docente, Dra. Andréia, que fazia questão do máximo de pacientes e discussões, garantindo assim que entrássemos no internato com uma anamnese e exame físico minimamente adequados. Em saúde da criança o estrago foi grande, uma vez que até meu ingresso no internato eu tinha atendido apenas duas crianças. Na saúde na mulher, a situação foi similar, com apenas três atendimentos e dois exames especulares. A saúde da família e comunidade foi outra expoente graças a preceptora, Dra. Tânia, que permitiu um cenário diverso na USF Antenor Garcia, no qual foi possível a realização de múltiplos atendimentos em diversos estratos etários.

Neste momento ter uma segunda graduação me fazia ter muito medo, pois sabia quais poderiam ser as implicações de se prosseguir sem ter uma base boa. Assim, temia demais ingressar no internato nessa conjectura. Assim que retomaram as eletivas, me inscrevi para a de clínica médica no Hospital Universitário da UFSCar (HU-UFSCar), realizando assim minha primeira atividade prática nessa área que tanto

amo. Nesse período, também realizei os plantões da liga de urgência clínica no pronto-atendimento do HU-UFSCar e além do ambulatório de dermatologia da liga de dermatologia. Retornei aos treinos de vôlei pela AAAMPJ, que sai da gestão após meu segundo ano, e segui na bateria com o intuito de obter o ouro na nossa competição mais importante até o final da minha graduação, em conjunto com meus amigos.

Como profissional, eu retornei a ministrar aulas online, com o foco em cursinhos pré-vestibular, principalmente na organização de cronograma de estudo, nas chamadas “mentorias”. Estas atividades, já eram realizadas por mim e outros docentes antes da pandemia como parte cotidiana de um docente de “cursinho” devido a vivência única que cada aluno tem, e com a pandemia, essa realidade foi transposta para o virtual, e abriu uma nova oportunidade de emprego que aceitei para retornar a ter um pouco mais de liberdade financeira e retornar a fazer algo que eu amo, lecionar.

Então assim, o quarto ano acadêmico foi um misto de emoções, e por mais bagunçado que pareça, foi mais organizado que os dois primeiros anos dessa viagem! Eu temia muito o internato, mas conversando com uma grande amiga e veterana que tenho uma admiração ímpar, a Luíza Lopes, tive a calma pra perceber que “estava tudo bem” chegar com falhas no internato e que poderia suprir durante ele. No demais, vou ressaltar agora duas pessoas que foram e são fundamentais durante esse processo todos, meu trio dentro da medicina, a Giovanna Bussi e a Roseane Rigo, que durante todo esses processos estiveram junto, discutindo, aconselhando, sendo sinceras e permitindo que meu caminho seguisse. Falei isso pois, no caminho para o novo ciclo eu temia muita coisa, mas em todo o processo eu tinha certeza de que seríamos nós três durante esse ciclo. Isso eu não temia, eu amava!

Estava chegando também um novo momento, a da escolha de uma especialidade. O que levaria as provas de residência médica e os cursinhos preparatórios para ela. Eu novamente recorri aos meus veteranos que, para cursinho, sugeriram focar principalmente em aprender o conteúdo para o internato e vida, e depois, ao escolhe a especialidade/universidade, focar e ir com tudo. Era minha ideia. Então, peguei minha bagagem pesada e embarquei para esse novo desafio que era o internato.

2.4 TERCEIRO CICLO E NOVOS DESAFIOS

2.4.1 PROJETO JK E UMA DEFINIÇÃO

Antes do ingresso do internato há dois fatos que devem ser comentados brevemente. O primeiro deles se trata do chamado período X-2 de práticas ainda do terceiro ano letivo que veio após o final do quarto ano acadêmico. Este período de “pataquada” se resumiu a duas semanas com uma ou duas atividades práticas de cada área da prática profissional do terceiro ano que acabou consumindo o período de férias e sendo de pouco proveito prático, apenas serviu para revermos nossos

docentes do terceiro ano. E em segundo, o período de divisão dos grupos de internato que foi um período estressante no qual eu e minhas duas amigas, Giovanna e Roseane, fomos removidos em um golpe da madrugada do grupo previamente acordado por pessoas que entendíamos como amigos, porém que acarretou a formação de um grupo que soube trabalhar bem durante os estágios do internato.

No quinto ano acadêmico, iniciávamos o internato rodando na seguinte ordem de estágios: ambulatórios, obstetrícia, cirurgia, clínica médica e pediatria. Essa ordem me parecia extremamente benéfica por permitir no primeiro estágio ter um momento de aprendizado intensivo de anamnese e exame físico na parte ambulatorial e deixa o estágio de pediatria, que mantinha o meu receio prévio, como último.

Entrei no internato com o plano de aprender tudo que era possível no menor tempo possível. Queria tentar repor todo meu tempo perdido prático perdido com a pandemia em apenas 2 anos de imersão. Era eu e minha experiência de aprender *versus* o tempo. Além disso, era o momento de entender o que eu gostaria de fazer pro resto da minha vida! Será que eu iria gostar mais de enfermarias? De ambulatórios? De pronto-atendimentos? Era o momento de provar, não queria entrar com as opções fechadas. Na química, eu senti que fui imerso pela química inorgânica logo no primeiro semestre e não me permiti conhecer o resto. Agora mais maduro, eu iria me expor e sentir tudo que eu poderia sentir, e o mais importante, aprender tudo para ser um médico bom!

O primeiro estágio começou e só posso dizer que os ambulatórios foram um sonho! Lembro da minha primeira segunda-feira com ambulatório da Cardiologia da Profa. Dra. Meliza lotado, atendi 3 pacientes com histórias clínicas e exames físicos riquíssimos e fiquei boquiaberto! O que era aquilo? Foi uma primeira semana com os ambulatórios de diabetes, infectologia, pneumologia pediátrica, nefrologia, endocrinologia pediátrica, dermatologia, neurologia e infectologia pediátrica, todos excelentes, e sentia que esse era o meu ambiente! Findado o último ambulatório da primeira semana, lembro que fiz uma pergunta e uma promessa de pergunta para minha amiga, Giovanna, falei: “Vou te perguntar agora e na última semana do quinto ano: você está amando fazer o internato?”. A resposta foi afirmativa, estamos maravilhados.

Foi um período muito bom para a adaptação a carga prática e teórica desse novo ciclo, com prática diária em todos os horários comerciais e aulas/estudo durante as noites. Além da carga do internato, o meu trabalho como docente/mentor e o estudo para as provas da residência tornaram minha rotina extremamente corrida, mas ainda consegui manter os ensaios da bateria, porém sem muitos outros momentos de descanso. A ansiedade voltou a aparecer, mas de uma forma mais sutil, começou a surgir como uma “síndrome do impostor” perene que fazia eu achar que nunca era o suficiente meu aprendizado frente aos dos demais, porém nesse momento ainda era apenas uma “brisa”.

Durante esse estágio minha afinidade com dermatologia foi um grande

destaque para mim, sendo que a sensação de “posso fazer isso o resto da minha vida que eu serei feliz” persistia a cada atendimento e procedimento. Assim, guardei essa sensação durante todos os estágios, mas não permiti que ela impedisse nenhuma outra experiência de acontecer.

Findado os ambulatorios, prosseguimos para a Obstetrícia, que tem o Prof. Dr. Humberto como responsável pela gestão do estágio, e realiza a gestão do mesmo de forma brilhante. Ao chegar neste estágio percebi como o problema dos outros pode se transformar no meu problema! Tive um aprendizado de excelência durante esse estágio e suprindo as deficiências do ciclo clínico ao abordar intensamente temas de pré-natal e gestação de baixo risco. Além, de aprender que as gestantes e puérperas devem ser tratadas sobre uma óptica especial que tive a honra de aprender com meus docentes mesmo em ambientes onde os exemplos as vezes não correspondem ao ideal. Aprendi muito, muito mesmo, ser químico me ajudou muito aqui com a parte de farmacologia, que sempre me salva! Mas aprendi também que não quero ser obstetra.

O terceiro estágio foi a Cirurgia no qual entendi que para emergências eu tenho que me preparar o triplo de uma colega normal. Eu não gosto desse estresse, porém eu adoro um procedimento. Aprendemos muito sobre as especialidades cirúrgicas e tivemos contato com docentes e preceptores fenomenais, gostaria de destacar meu carinho especial para o Prof. Dr. Rafael Luporini e para a Dra. Pamela Bellaz, que são pessoas incríveis. Nesse estágio passei pelo ambulatório de proctologia e doenças inflamatórias intestinais, que tive o contato com os fármacos da classe dos imunobiológicos e que são algo que me atraem demais, uma vez que meu encanto pela imunologia continua firme e forte. Foi um estágio muito intenso, com muitas horas de plantão no serviço médico de urgência (SMU) que reforçaram os aprendizados que tínhamos nas aulas e discussões. Nesse estágio, a síndrome do impostor já estava se tornando forte, mas ainda não tinha florescido tudo que podia.

Parti então para o quarto e mais aguardado estágio, a Clínica Médica, dos cinco estágios este era aquele que mais me chamava a atenção por ter a fama de ser aquele que “te ensina a ser médico”. Entrei preparado para estudar horrores e sair cansado, mas estudado. Sobre a tutela da Dra. Alice e da Profa. Dra. Sigrid trilhei um caminho por aquilo que eu acreditava que era “raciocínio clínico” e refinei intensamente essa ferramenta de trabalho médica. Aprendi a me responsabilizar pelo “meu paciente”, compartilhar meu trabalho em união com a equipe multiprofissional, entender o peso das minhas intervenções, aceitar a “história natural das doenças” e ficar em paz com a morte. Porém, todo esse processo custou o ápice de uma síndrome do impostor que foi necessário uma conversa sincera de minhas amigas e um retorno a terapia para trabalhar melhor. Além de entender que minha vida tinha mais propósitos, assim diminuindo minha carga de trabalho e permitindo dias livres para descansar e lazer, além de só trabalho e estudo.

Assim, chegou à pediatria, a última fronteira. Entrei com bastante receio na enfermaria pediátrica do HU-UFSCar, sendo muito bem recebido pela Dra. Ludmila e Profa. Dra. Cristina Ortiz que mostraram que meus medos não eram reais, pois sim,

é muito triste uma criança doente, mas elas têm uma capacidade incrível de recuperação e estamos em um ambiente onde a recuperação e maturidade delas está ao seu máximo. Foi um período muito agradável que me permitiu perceber minha afinidade pela hebiatria, tendo esse perfil de pacientes adolescentes como um público que adoraria atender. Indo para o segundo momento do estágio de pediatria, fomos para o estágio de neonatologia com a Profa. Renata Castro, que além de ser a docente responsável por esta parte do estágio, é também a minha orientadora de formação junto a graduação. Uma pessoa que tive o prazer de ter a opinião junto aos estágios eletivos que gostaria de realizar, mas que perdi de ter mais contato devido a pandemia, porém era chegado o momento de aproveitar o conhecimento e vivências com esta. Foi um momento único poder acompanhar mais de uma dezena de nascimentos, ver o primeiro respirar de um novo ser humano. De modo geral, sendo o estágio de pediatria do quinto ano acadêmico um respiro na vida do interno, não por ser fácil ou leve, pois não é! Mas por permitir essas vivências e trocas que tornam o ambiente e a mente mais leve.

Chegou assim o fim do quinto ano letivo, revisei a pergunta que tinha realizado a minha amiga Giovanna quanto ao prazer de realizar o quinto ano de medicina no formato de internato e ambos fomos assertivos: estávamos muito felizes após esse ano e realizados com o como ele evoluiu. Eu já tinha realizado a eletiva de clínica médica para completar minhas horas junto à graduação. Assim, o plano era já realizar as eletivas do sexto ano acadêmico, e essas seriam em algo que eu percebi que precisava muito e tinha visto muito pouco até então! Iria fazer em radiologia no setor de radiologia do HU-UFSCar, sendo essa uma das melhores decisões que eu tomei, pois mais do que fazer a eletiva em algo que você tem interesse de fazer o resto da sua vida, fazer o estágio eletivo em algo que você tem interesse de saber mais e não irá fazer pelo resto da sua vida também é muito importante!

Durante esse período que cobriu parte de 2021 até 2022, consegui publicar um capítulo de livro em conjunto com meu pai, que é docente na Universidade Federal da Grande Dourados, mantendo assim ativo essa parte acadêmica. (Gorup, 2021) Além de seguir em um projeto de pesquisa em conjunto com a Profa. Dra. Cristina Ortiz que acarretou a apresentação de um trabalho na área de pediatria em um congresso em 2023 e está em vias de se tornar uma publicação. Para quem estava com medo, até que a pediatria foi muito bem recebida!

Terminei o quinto ano e entrei para o sexto com um pensamento: eu tenho que ser dermatologista! Eu passei por tudo, e queria passar por mais coisas sem medo de provar, mas eu sabia que após esse quinto ano, seria muito difícil qualquer nova área me tirar dali. O que poderia me impedir seria o medo e a ansiedade pela dermatologia ser extremamente concorrida, afinal, seria uma nova competição por poucas vagas cobiçadas.

2.4.2 EU E O FUTURO

Após um breve descanso, iniciei minha eletiva em Radiologia no HU-UFSCar, sob a supervisão da Dra. Luciana Verçosa, que foi um período fascinante para mim. Pude aprender sobre diversas técnicas de imageamento e utilizar todo meu conhecimento prévio de quântica e espectroscopia como base para o entendimento do como essas imagens eram geradas. Foi um período excelente. Tive novamente mais um breve período de descanso e me preparei para a última jornada pelo curso.

Frente ao sexto ano acadêmico, meu grupo realizaria a jornada pelos seguintes estágios: Saúde da Família e Comunidade + Saúde Mental + Saúde Coletiva, Cirurgia, Clínica Médica, Ginecologia e Pediatria. Nossa escolha foi realizada pensando em permitir que estágios com a maior carga de plantões não caíssem durante o período das provas de residência médica, que agora se tornaram uma realidade.

Iniciamos pelo estágio combinado de saúde da família e comunidade, o qual foi um período maravilhoso para aprender e entender a Atenção Básica. Poder atender e ver a gestão de uma USF/UBS pelo lado do médico foi sensacional, além de desmistificar a realidade do SUS em São Carlos/SP. As vivências do CAPS-2 de São Carlos/SP também foram únicas e fez o nosso grupo sugerir para os docentes a abertura do estágio também no CAPS-AD para complementação de uma visão que é recorrente na vida do médico generalista. O estágio passou voando! Nesse período, percebi o movimento dentro de mim de uma ansiedade frente a chegada das provas e minha maior motivação em focar meus estudos na minha formação médica do que necessariamente focar nas provas. Desta forma, decidi que manteria sim meus estudos para as provas, mas meu foco seria garantir que durante esse processo de internato, a minha formação acadêmica seria sempre mais importante do que o estudo para as provas, afinal, seria médico antes de um “concurseiro”.

Terminado esse estágio, iniciamos no estágio da Cirurgia, sendo esse o estágio mais pesado do sexto ano, graças à enfermaria cirúrgica, que tem o seu início durante as madrugadas. Sim, é um período extenuante, porém é um período de aprendizado gigantesco! Sinais semiológicos raros, aprender raciocínios clínicos-cirúrgicos importantes envolvendo a evolução de história médica e fixar procedimentos foram alguns ganhos desses dias mal dormidos. O foco era aprender, e reclamar por estar aprendendo não entraria na minha vida! Tive a oportunidade de fazer as semanas de anestesiologia onde pude sanar diversas dúvidas sobre essa área, aprender sobre punções guiadas por ultrassonografia, realização de bloqueios e a famosa intubação orotraqueal. Foi um período que pra mim, uma pessoa que não se vê fazendo cirurgia, foi surpreendente. Eu tinha decidido que queria ver de tudo pois sabia que poderia ser minha última vez naquele ambiente de centro cirúrgico, assim vi neurocirurgias, cirurgias torácicas, cardíacas, oncológicas, pediátricas, de cabeça e pescoço, plásticas etc. Aproveitei cada momento, afinal, sairia médico e precisava dessas vivências.

Com a mesma motivação cheguei no meu terceiro estágio de sexto ano acadêmico, ao entrar nesse estágio refleti que o segundo ano do internato eu estava sendo mais prazeroso que o primeiro. Existia uma menor sensação de medo e era mais perene o prazer de “é minha responsabilidade e eu amo isso” no meu cotidiano.

No estágio de Clínica Médica algo que me surpreendeu muito positivamente foram os docentes e preceptores. Muitos já tínhamos tido o contato prévio, como a Profa. Dra. Maria Paula Barbieri, que é um dos meus maiores exemplos de dermatologista e professora responsável pela liga acadêmica de Dermatologia que fui gestão, porém outros profissionais eram “novos” em nosso convívio e foram pessoas-chaves para mudar o que eu entendi por ser um médico, sendo que nesse momento faço questão de citar o Dr. Rodrigo Aguilar como um exemplo fenomenal de pessoa e médico.

Nesse estágio, refinamos nossos conhecimentos instrumentais forjados no quinto ano no estágio de clínica médica, porém adicionamos as condutas e, o mais importante, o toque humano e individual que cada pessoa exige além da patologia. Tratamos sim muita exacerbação de DPOC, insuficiência cardíaca descompensada, pneumonia adquirida na comunidade e infecções do trato urinário, mas foram todos os pacientes únicos e todo aprendizado fundamental. Não tem reclamação de ser mais do mesmo, ainda tenho muito a aprender dessas patologias, e olha que aprendi demais. Foi um período fenomenal que levarei para a vida e reforçou que quero ser um dermatologista clínico.

Quero parar agora para citar que em paralelo ao calendário acadêmico, corria em meu grupo de internato o calendário temporal de dias para o término do curso. A sensação de que estava acabando era tão real. Mas nisso percebi que após todos esses anos sofrendo com a ansiedade de ser quem eu sou, o que eu queria ser, da academia ou das situações... agora, eu estava em paz! É claro, temeroso com o desconhecimento do futuro, com aquele frio na barriga do futuro, mas em paz que a maturidade serviu para entender que está tudo bem aprender que eu posso aprender a aceitar que “não sei, não tenho o controle e estará tudo bem”. Esse é um ganho de 6 anos que sinto orgulho que o Químico em mim conquistou nessa jornada.

Retornando, findado a Clínica Médica, fomos para o estágio da Ginecologia, onde tivemos a oportunidade de completar muitas das lacunas que ficaram pendentes do ciclo clínico na parte de saúde da mulher. Pudemos atender em diversos ambulatórios de patologias do trato ginecológico, acompanhar cirurgias e discutir temas próprios da ginecologia. Gostaria de ressaltar a importância do ambulatório de sexualidade humana no sexto ano, que permite vivências únicas que além de terem aparecido na prova de residência da USP-SP do ano de 2023, ainda formam o médico que o mundo precisa para o futuro. Foi um estágio que me surpreendeu muito positivamente.

Durante este estágio realizei as provas de residência médica, em todas realizei a inscrição para Dermatologia, e sim, aceitei que essa será a minha futura área de

atuação. As provas trouxeram aquela velha sensação de realizar um “vestibular”, mas agora, com uma temática muito mais gostosa! E tive o prazer de perceber que só estudar para as provas com mais gosto que meu objetivo pode sim ser realizado, além de que meu estudo para o internato foi de qualidade.

Parti para o último estágio em pediatria, área que cresceu em meu coração e tenho um carinho especial. Quero aproveitar até o último minuto para aprender o máximo que puder. Sei que assim como foi na química, nunca desprezei nenhum conteúdo, por mais que lá eu sempre soubesse que iria para a química inorgânica. Aqui, eu tenho a mesma visão! Quero sim trabalhar com população adulta, mas essa visão única da pediatria me atrai e quero englobar o máximo possível em minha prática como um diferencial e visando não ter uma visão tão compartimentalizada da medicina.

Chegou ao final com uma visão de que o químico em mim sabe que a medicina é uma ciência de pessoas, não uma ciência da cura. A cura é realizada pela própria pessoa, são as células dela que a reparam, nós apenas ajudamos no processo, e este processo envolve ajudar ela a se reparar. O “Eduardo” que entrou estava num momento de sofrimento e passou por uma série de turbulências que foram muito além de títulos ou estudos, mas ele sai mais calmo e com uma visão mais ponderada em aproveitar mais as partes boas e aprender com tudo que é possível de se aprender.

3 CONCLUSÕES/CONSIDERAÇÕES FINAIS

Minha trajetória acadêmica foi marcada pela fusão única de conhecimentos em química, de uma vivência prévia em uma formação tradicional, e agora sendo aplicada a medicina, enfrentando desafios notáveis durante o decorrer dos anos do curso. Ingressei no curso de medicina já titulado como mestre em química, trazendo junto uma carga de ansiedade e necessitando ainda realizar a defesa do meu doutoramento durante os primeiros anos dessa nova graduação. Dentro da sala de aula, pude desfrutar de uma perspectiva singular porque o curso adotava uma metodologia construtivista e a abordagem pedagógica enfatizou a autonomia no aprendizado, proporcionando uma experiência enriquecedora ao integrar meu conhecimento prévio em química com os desafios da prática médica.

Contudo, como esperado, essa jornada rica em obstáculos. Durante minha vida acadêmica prévia em química, enfrentei assédio moral, que foi uma experiência desafiadora que moldou minha resiliência. Ao trazer essa bagagem para o curso de medicina, utilizei essas adversidades como combustível para meu crescimento pessoal e profissional. Outros desafios apresentados durante o decorrer do curso como a pandemia pelo COVID-19 e a retomada da vida após essa foram outros fatores marcantes em minha jornada. A metodologia construtivista, combinada a todas essas vivências, agregaram uma plataforma para desenvolver uma abordagem mais centrada no paciente da medicina, promovendo a empatia, a ética e o respeito na relação com os pacientes.

Ao concluir minha formação, não obtenho apenas o título de médico, mas também me agrego em conjunto um aprendizado único que minhas experiências progressas me proporcionaram, além de uma abordagem profissional única que valoriza a integridade e o bem-estar da pessoa como um todo na prática médica. Minha jornada reflete não apenas a fusão de conhecimentos, mas também a capacidade de superar desafios e transformar experiências negativas em forças impulsionadoras para a construção de uma vivência diária em medicina mais ética e compassiva.

REFERÊNCIAS

Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. Resolução CNE/CES nº 4, de 7 de novembro de 2001. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Medicina. Diário Oficial União. 09 novembro 2000. Seção1:38.

Medicina UFSCar. Curso de Medicina - Projeto Político Pedagógico. 2007.

Torneio Virtual de Química, Torneio Virtual de Química - TVQ. Brasil, 2023. Disponível em: <https://sites.google.com/unicamp.br/torneio-virtual-de-quimica/inicio>. Acesso em: 27/12/2023.

CRQ-IV/SP, Prêmio Lavoisier - CRQ-IV/SP. Brasil, 2023. Disponível em: <https://crqsp.org.br/premio-lavoisier>. Acesso em: 27/12/2023.

Ferraresso, L.G.; de Arruda, E.G.R.; de Moraes, T.P.L.; Fazzi, R.B.; da Costa Ferreira, A.M.; Abbehausen, C. Copper(II) and zinc(II) dinuclear enzymes model compounds: The nature of the metal ion in the biological function. *Journal of Molecular Structure*, v. 1150, p. 316-328, 2017

de Arruda, E. G. R.; de Farias, M. A.; Jannuzi, S. A. V.; Gonsales, S. A.; Timm, R. A.; Sharma, S.; Zoppellaro, G.; Kubota, L. T.; Knobel, M.; Formiga, A. L. B. Synthesis, structural and magnetic characterization of a copper(II) complex of 2,6-di(1H-imidazol-2-yl)pyridine and its application in copper-mediated polymerization catalysis. *Inorganica Chimica Acta*, v. 466, p. 456-463, 2017.

Bibi, N. ; de Arruda, E. G. R.; Domingo, A. ; Oliveira, A. A. ; Galuppo, C. ; Phung, Q. M.; Orra, N. M.; Béron, F.; Paesano, A.; Pierloot, K.; Formiga, A. L. B. Switching the Spin-Crossover Phenomenon by Ligand Design on Imidazole-Diazineiron(II) Complexes. *Inorganic Chemistry*, v. 57, p. 14603-14616, 2018.

de Arruda, E. G. R.; Rocha, B. A.; Barrionuevo, M.; Aðalsteinsson, H. M.; Galdino, F. E ; Loh, W.; Lima, F.; Abbehausen, C. Zn(II) coordination sphere and chemical structure influence over the reactivity of metallo- β -lactamase model compounds. *Dalton Transactions*, v. 48, p. 2900-2916, 2018.

Al-Hashimi, K.; Said U.N.; Khan T.N. Formative Objective Structured Clinical Examinations (OSCEs) as an Assessment Tool in UK Undergraduate Medical Education: A Review of Its Utility. *Cureus*. v. 15 (5), e38519, 2023.

Silva, T. A.; Gorup, L. F.; de Araújo, R. P.; Fonseca, G. G.; Martelli, S. M.; de Oliveira, K. M. P.; Faraoni, L. H.; de Arruda, E. G. R.; Gomes, R. A. B.; da Silva, C. H. M.; de Arruda, E. J. Synergy of Biodegradable Polymer Coatings with Quaternary Ammonium Salts Mediating Barrier Function Against Bacterial Contamination and Dehydration of Eggs. *Food and Bioprocess Technology*, v. 13, p. 2065-2081, 2020.

Ferraz, B.; Leite, F.; Gomes, E.; Sousa, M.; de Arruda, E.; Bonacin, J.; Malagutti, A.; Formiga, A. Synergistic Supramolecular Effect on the Electro-Oxidation of Biological Relevant Molecules: A Novel Sensor for Simultaneous Determination of Epinephrine and Uric Acid in Human Urine Using MWCNT and a Copper(II) Complex. *Journal of Brazilian Chemical Society*, p. 2396-2408, 2020.

Gorup, L. F.; Sequinel, T.; Akucevicius, G. W.; Pinto, A. H.; Biasotto, G.; Ramesar, N.; de Arruda, E. G. R.; de Arruda, E. J.; Camargo, E. R. Nanostructured gas sensors in smart manufacturing. In: Sabu Thomas; Tuan Anh Nguyen; Mazaher Ahmadi; Ali Farmani; Ghulam Yasin. (Org.). *Nanosensors for Smart Manufacturing*. 1ed. Cambridge, MA: Elsevier, 2021, v. 20, p. 445-485.